

Revista Brasileira de Comércio Exterior

RBCCE

A revista da FUNCEX

Ano XXXVIII

158

Janeiro,
Fevereiro e
Março de
2024

NOVA INDÚSTRIA BRASIL

Relações Econômicas Brasile e China



Imagem de Christo Atreshev por Pixabay

FUNCEX



fundação
centro de estudos
do comércio
exterior

Ajudando o Brasil a expandir fronteiras

EDITORIAL**2 Cenários para 2024-2025***Miguel Lins***ENTREVISTA****4 Gustavo Amaral***Presidente da Fundação Severino Sombra***COMENTÁRIO INTERNACIONAL****12 Nona economia do mundo, mas podemos ir além***George Vidor***MARCA-BRASIL****14 Música no Museu, um elo na divulgação internacional do Brasil***Sergio Costa e Silva***PERSPECTIVAS ECONÔMICAS****19 O Brasil e o G20***Paulo Roberto de Almeida***22 Riscos geopolíticos: a instabilidade dos mercados de energia permanece em 2024***Luis Augusto Medeiros Rutledge***RELAÇÕES ECONÔMICAS BRASIL E CHINA****26 Fortalecendo laços comerciais: o papel das instituições no comércio bilateral Brasil-China***Alexandre Coelho e Rafaella Mello***36 Uma nova cultura exportadora para a China***Thais Moretz Sohn Fernandes***NOVA INDÚSTRIA BRASIL****44 Nova Indústria Brasil: uma avaliação crítica da nova política industrial brasileira***Andre Nassif***56 Redução de custos e agilidade no comércio exterior brasileiro na Base da Indústria de Defesa e de Energia Nuclear à serviço da Neointustrialização***Frederico Teixeira***64 Sugestões para missão orientada para inovar e exportar dispositivos médicos do Brasil***Abdul Temporário*

Riscos geopolíticos: a instabilidade dos mercados de energia permanece em 2024



Luis Augusto
Medeiros
Rutledge

Luis Augusto Medeiros Rutledge
é Engenheiro Pesquisador em Projetos de Petróleo – UFRJ;
Consultor do Centro de Estudos das Relações Internacionais,
do Observatório do Mundo Islâmico de Portugal e da Funcex

No início do século XX, a geopolítica desempenhou um papel essencial nas diretrizes e configurações geográficas das nações em formação. E, no transcorrer dos anos, foi ganhando corpo por meio de uma ampla gama de definições e associações a conflitos diplomáticos, disputas territoriais e guerras. Nesse período, a energia, representada pelo petróleo, se destacou como a principal ferramenta geopolítica das relações internacionais. Portanto, podemos entender o estudo da geopolítica energética sendo o uso de fontes fósseis ou renováveis como instrumento de influência política nas relações internacionais entre diferentes países.

O petróleo, na qualidade de propulsor da economia mundial, se tornou uma ferramenta para o desenvolvimento industrial em um mundo com crescente demanda energética ao longo das últimas décadas. Nesse contexto, países como Rússia, Estados Unidos e os grandes produtores do Oriente Médio buscam aumentar sua influência ou ganhos políticos em acordos internacionais por serem grandes produtores de petróleo. Vale destacar que o cenário energético é dinâmico e pode mudar rapidamente em função da condição de interdependência energética entre as nações. No conjunto dessas relações entre países, rupturas ou crises políticas são presumíveis e se transformam em riscos geopolíticos.

O risco geopolítico pode ser definido como o risco associado a alguma crise causada por conflitos diplomáticos, guerras, insurgências jihadistas ou alguma outra instabilidade geopolítica que possa causar incertezas à cadeia de suprimentos (*supply chain*) e ao mercado financeiro do setor energético e engloba tanto a probabilidade de ocorrência desses eventos quanto as ondas adicionais que deles possam surgir.

As preocupações com os riscos geopolíticos se intensificaram recentemente como resultado dos conflitos e tensões regionais em diversos pontos do mundo, onde o suprimento energético se tornou incerto. As ocorrências geopolíticas associadas também tiveram várias consequências negativas sobre a economia mundial e seus setores conectados, particularmente o setor de energia.

Há uma relação clara entre eventos geopolíticos e os reflexos nos preços do barril do petróleo. Nas últimas décadas, inúmeros eventos geopolíticos instabilizaram o mercado de energia.

Instantes após os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001, os preços do *Brent* aumentaram 5%. No entanto, em 14 dias, o preço caiu cerca de 25% devido a preocupações com o enfraquecimento da demanda por petróleo.



Imagem de Nico Franz por Pixabay

Com a guerra entre Ucrânia e Rússia, em fevereiro de 2022, os preços do *Brent* aumentaram quase 30% nas primeiras duas semanas após a invasão, com os preços da molécula na Europa atingindo 198,56 euros durante o primeiro dia. No entanto, os preços voltaram a cair, retornando aos níveis pré-invasão após cerca de oito semanas. Conforme aumentava o risco geopolítico, que poderia se traduzir na interrupção do fornecimento de gás por danos à infraestrutura e interrupção do fluxo de gás, os preços de gás e do custo de energia elétrica aumentavam substancialmente no continente europeu.

Após os ataques do grupo radical islâmico Hamas feitos no dia 7 de outubro de 2023, os preços do *Brent* aumentaram cerca de 4%, antes de se estabilizarem posteriormente.

Riscos geopolíticos podem ter impacto nos preços do petróleo causando a diminuição da atividade econômica ou o aumento dos riscos à oferta de *commodities*. Em princípio, o risco geopolítico pode afetar os preços das *commodities* e do petróleo por meio de dois canais principais.

As crises geopolíticas elevadas atuam como um impacto de demanda global, porque essas tensões aumentam a incerteza sobre as perspectivas econômicas, o que afeta negativamente o consumo e o investimento e interrompe potencialmente o comércio internacional. Combinadas, essas forças levam a uma contração da atividade econômica global, acabando por diminuir a demanda e os preços globais do petróleo.

Riscos que atingem os mercados financeiros precificando, riscos mais altos para a oferta futura de petróleo, além do risco geopolítico atual. Isso aumenta o valor à vista dos contratos de petróleo e pressiona os preços do *Brent* para cima.

Outro importante ponto a ser observado é que o risco geopolítico varia entre os países, dependendo da localização da crise. As tensões originadas a partir dos principais produtores de petróleo ou de países que desempenhem um papel estratégico na cadeia de distribuição de petróleo e seus derivados atingem diretamente o mercado global de energia. Por exemplo, quando envolvem países do Oriente Médio e o trânsito do Mar Vermelho e o Canal de Suez.

Se forem países com pouca representatividade no cenário internacional de energia, serão riscos geopolíticos de menor escala na economia global.

Em 2024, são esperados mercados de energia extremamente vulneráveis em meio a tensões geopolíticas que se estendem desde a guerra da Ucrânia no Leste Europeu até os atuais ataques terroristas dos Houthis, grupo rebelde aliado do Hamas, no Mar Vermelho. As crises geopolíticas do Leste Europeu e do Oriente Médio estão influenciando fortemente a dinâmica da cadeia de energia e os riscos de interrupções no fornecimento.

A EUROPA E AS INCERTEZAS DO GÁS

Muito embora a União Europeia tenha reduzido o consumo de gás na indústria em cerca de 20% em 2022, quando comparado com o ano de 2023, as importações de gás continuaram firmes durante o ano anterior, com o bloco europeu evitando restrições ao gás. A análise da situação no velho continente nos apresenta a União Europeia pronta para o inverno 2023-2024 num cenário de menor estresse por fontes e supridores energéticos.

“

Em 2024, são esperados mercados de energia extremamente vulneráveis em meio a tensões geopolíticas que se estendem desde a guerra da Ucrânia no Leste Europeu até os atuais ataques terroristas dos Houthis, grupo rebelde aliado do Hamas, no Mar Vermelho

”

O agravamento das crises atuais colocará a cadeia logística do gás natural em extremo risco.

Cumprir destacar que os riscos geopolíticos mantêm o gás natural europeu no limite da demanda. O fim do acordo de trânsito entre Ucrânia e Rússia contribuirá para o aumento das incertezas quanto ao mercado de gás europeu em 2024 e 2025.

A rápida construção de plantas de regaseificação de gás natural liquefeito (GNL) durante o ano passado foi fundamental para permitir certo alívio ao fornecimento de gás aos europeus. Antes presa ao gás canalizado oriundo da Rússia, hoje, a União Europeia possui uma infraestrutura melhorada.

A Alemanha, país extremamente prejudicado pela crise geopolítica, pretende colocar em funcionamento, ainda este ano, duas novas unidades flutuantes de armazenamento e regaseificação.

Todavia, a União Europeia agora enfrenta também o fator mercado. O GNL possui concorrência, antes inexistente quando o abastecimento era a partir de gasodutos russos. O aumento da concorrência da compra *spot* na Ásia também pode limitar os volumes disponíveis e pressionar a meta da União Europeia de reabastecer os estoques para 90% da capacidade para todo o inverno europeu.

Quanto ao envio de gás russo para a Europa em 2024, provavelmente permanecerá o mesmo que em 2023. As importações europeias de gás canalizado russo totalizaram cerca de 28 bilhões de metros cúbicos (Bmc) em 2023, de acordo com cálculos da Energy Intelligence, abaixo dos cerca de 65 Bmc em 2022 e uma fração dos cerca de 150 Bmc em 2021. A União Europeia estima que importou cerca de 40 Bmc de gás canalizado e GNL russos no ano passado, contra cerca de 80 Bmc em 2022.

“

Desde a invasão da Ucrânia pela Rússia no início de 2022, a UE tem aumentado suas importações de petróleo do Oriente Médio como parte das tentativas de se livrar dos produtos energéticos russos, resultando em uma maior dependência quanto ao petróleo que passa pelo Mar Vermelho e pelo Canal de Suez

”

A pressão regulatória sobre as importações de gás russo da União Europeia também está crescendo, já que a Rússia repetiu seu papel como o segundo maior fornecedor do bloco pelo segundo ano consecutivo. Bruxelas está perto de aprovar o direito dos Estados-membros de bloquear o acesso russo de gás natural liquefeito à capacidade do terminal de importação europeu.

ALEMANHA

Em busca de variáveis energéticas e cooperação com a África, recentemente na Cúpula de Investimentos entre Alemanha e África, o chanceler alemão, Olaf Scholz, discursou em prol de uma maior cooperação entre a União Europeia e os países africanos em matéria de energias renováveis e produção de hidrogênio. Em termos concretos, a Alemanha, maior economia da União Europeia, procura garantir sua fatia nos recursos minerais africanos, ciente das riquezas africanas em minerais críticos e fontes fósseis em produção.

As últimas três usinas nucleares do país serão desligadas, de acordo com o plano acordado no ano passado. O governo está tentando evitar a escassez de energia comprando mais gás da Noruega e aumentando as importações por meio de gasodutos da Bélgica e da Holanda. Para receber GNL suficiente para substituir totalmente o gás russo, Berlim também está construindo novos terminais nos portos do norte da Alemanha.

Um importante contrato fechado pelo governo alemão no início de 2023 foi o acordo de fornecimento de GNL proveniente do Catar. As empresas alemãs assinaram um acordo de 15 anos para compra de 2 milhões de toneladas de gás líquido da estatal Qatar Energy, e as entregas começarão a partir de 2026. As cargas serão entregues no terminal de Brunsbüttel, cidade alemã.

EUROPA E A CRISE NO MAR VERMELHO

As interrupções no comércio causadas pela instabilidade no Mar Vermelho representam um risco para as perspectivas econômicas da União Europeia, bem como para a oferta e o preço da energia.

O aumento da crise geopolítica poderá causar elevados custos de energia, embarques atrasados ou cargas não entregues, resultando em taxas de juros mais altas e duradouras.

Desde a invasão da Ucrânia pela Rússia no início de 2022, a União Europeia tem aumentado suas importações de petróleo do Oriente Médio como parte das tentativas de se livrar dos produtos energéticos russos, resultando em uma maior dependência quanto ao petróleo que passa pelo Mar Vermelho e pelo Canal de Suez.

A DIFÍCIL GEOPOLÍTICA DO ORIENTE MÉDIO

O Mar Vermelho é um corredor fundamental para o transporte de óleo e gás natural, transportando cerca de 12% do comércio global de petróleo marítimo e 8% do comércio de GNL. A situação continua imprevisível e pode desencadear escassez de petróleo e gás natural por motivos logísticos.

Os novos riscos mostram quão vulneráveis são os fluxos de energia dependentes do trânsito e como é importante atenuar os conflitos no momento em que a maioria dos seus atuais importadores de GNL fazem uso de navios.

Embora a equação de oferta e demanda esteja favorecendo um superávit da oferta global de petróleo e gás natural, os preços não deverão subir como esperado após a ampliação dos conflitos árabes.

A queda da demanda chinesa ainda está segurando os preços do petróleo e somente uma interrupção do transporte teria um grande impacto nos mercados globais, principalmente no mercado de energia. Se os suprimentos de petróleo exportados para fora do estreito de Ormuz forem cortados, as exportações iranianas de petróleo bruto, país diretamente envolvido no conflito, serão afetadas.

RECUO EM INVESTIMENTOS

A incerteza elevada sobre a amplitude dos conflitos no Oriente Médio está corroendo a confiança das *majors* do petróleo, o que pode levar a uma queda em gastos e investimentos. Na ausência de um cessar-fogo duradouro, e mesmo que o conflito permaneça contido, a incerteza pode impactar e se estender até o Norte da África, parte árabe do continente.

A visão de que a crise iniciada em Israel sofra uma escalada sem fim pode ser um sinal de alerta para toda a economia da região. Economias fortalecidas pelo petróleo serão as primeiras a serem atingidas. Em seguida, mesmo países ainda neutros serão atingidos. Quanto mais pro-

longado o conflito, mais impactados serão o turismo, o comércio, o investimento e outros canais financeiros.

Uma das preocupações reais diz respeito a uma nova intifada. Os fluxos de refugiados podem aumentar significativamente, e preocupam a União Europeia, aumentando as pressões social e fiscal nos países que os receberem potencialmente causando mais fraqueza prolongada.

Em resumo, riscos geopolíticos quando concretizados impactam na incerteza do futuro da região. Quanto mais agudo é o impacto econômico, menor é a capacidade de retomar rapidamente a produção. Em especial ao Oriente Médio, esta crise pode inaugurar uma era de alta incerteza para uma fonte energética em transição.

BIBLIOGRAFIA

CALDARA, D.; IACOVIELLO, M. *Measuring geopolitical risk*. FRB International Finance Discussion Paper (1.222). 2018.

ZHANG, S.; SHINWARI, R.; ZHAO, S.; DAGES-TANI, A. Energy transition, geopolitical risk, and natural resources extraction: novel perspective of energy transition and resources extraction. *Resources Policy*, v. 83, p. 103.608, jun. 2023.

THE WORLD BANK. *Conflict in Middle East Could Bring 'Dual Shock' to Global Commodity Markets*. The World Bank. Disponível em: <https://www.worldbank.org/en/news/press-release/2023/10/26/commodity-markets-outlook-october-2023-press-release>. Acesso em 06/01/2024.

“

Riscos geopolíticos quando concretizados impactam na incerteza do futuro da região. Quanto mais agudo é o impacto econômico, menor é a capacidade de retomar rapidamente a produção. Em especial ao Oriente Médio, esta crise pode inaugurar uma era de alta incerteza para uma fonte energética em transição

”